

Será que os lucros dos bancos são elevados? Por Tiago Cavalcanti, Economista, Professor de economia da Universidade de Cambridge.

A mídia sempre divulga com revolta os lucros dos bancos no Brasil. Não é para menos, é difícil ver uma empresa dobrar os lucros constantemente de um ano para outro. Mas, por outro lado, a mídia sempre comemora a divulgação de recordes de lucros de empresas como a Vale ou Gerdau. A pergunta, contudo, é: Será que o aumento do lucro dos bancos é bom ou ruim? E se for ruim, o que fazer? Será que existe alguma diferença entre a Vale e os Bancos? Note a natureza positiva da pergunta.

Os bancos têm uma função essencial na economia, que é a transferência de recursos das pessoas e firmas que poupam parte de sua renda e lucros para os tomadores desses recursos. Através desta intermediação as firmas podem, por exemplo, investir em máquinas e equipamentos e as famílias podem comprar bens duráveis, por exemplo, uma casa. Já em 1912, Joseph Schumpeter, especialista em desenvolvimento econômico, mostrava que um sistema financeiro eficiente influencia positivamente a inovação tecnológica através da identificação e financiamento de projetos inovadores. Portanto, os bancos têm um papel fundamental em uma sociedade e vendem um serviço como outro qualquer. Como, por exemplo, um corte de cabelo.

O Brasil ainda tem um potencial imenso de crescimento do setor bancário já que várias pessoas ainda não têm conta corrente e não tomam crédito formal. Fenômeno parecido com o mercado de carro popular. Além disso, a proporção do crédito sobre a renda no Brasil é muito baixa, aproximadamente 30%, ou menos da metade do que é observado no Chile. Portanto, o setor ainda vai se expandir à medida que a estabilidade econômica permaneça, o país for se desenvolvendo e através de mudanças “micro-institucionais” com conotação “liberal”, como a nova lei sobre alienação fiduciária que aumenta a proteção ao credor (Bancos!).

Não resta dúvida, contudo, que os serviços bancários no Brasil são caros. Aí é que está o problema. Um dos preços cobrados por tais serviços é a taxa de juros. O cartão de crédito, por exemplo, permite as pessoas anteciparem a renda futura para suavizarem o consumo ao longo do tempo. O não pagamento da fatura implica, contudo, em uma cobrança de juros de mais de 100% ao ano no Brasil. Além disso, há as tarifas em cima de extratos bancários, uso do cartão de débito, emissão de cheques, entre outros serviços.

O que fazer? Uma saída imediata seria aumentar os impostos sobre o lucro bruto dos bancos. Não tenho dúvida que parte dos impostos seria repassado para os consumidores através de taxas de juros e tarifas bancárias mais elevadas. O que aconteceu recentemente com o aumento do IOF e outros impostos devido a perda da CPMF. Tal política teria um efeito diferente do intencionado. Outra solução seria determinar por decreto que os bancos não poderiam cobrar taxa de juros, por exemplo, de mais de 12% ao ano, como contém na nossa Constituição! Como nossa experiência com controle de preços mostra, haveria uma escassez de serviços bancários, seria mais difícil obter crédito. Haveria um incentivo ao crédito informal. Outra política nesta direção seria limitar as taxas bancárias, medida recentemente adotada pelo Banco Central. Dado o poder de mercado dos Bancos,

minha opinião é que o limite das taxas bancárias vai diminuir a velocidade de queda do spread bancário. Por último, poderíamos também nacionalizar todos os bancos e determinar por lei a taxa de juros e as tarifas. Mas, note que os bancos públicos, que recebem 40% do total de depósitos do país, cobram taxas de juros e bancárias similares aos dos bancos privados!

O que se deve perguntar é por que a taxa de juros e os serviços bancários são mais baratos em outro lugares, como na Inglaterra, nos Estados Unidos ou no Chile? Os inimigos do Copom diriam que é devido à alta taxa de juros definida pelo Banco Central por ex-banqueiros para assegurar que a inflação fique perto de sua meta pré-estabelecida por lei. Esquecem que a taxa de juros básica já caiu de aproximadamente 26% em 2003 para menos de 12% atualmente e os lucros dos bancos permaneceram altos (a taxa de juros real também caiu pela metade!). O preço reflete uma informação importantíssima: mostra que o mercado bancário no Brasil é pouco competitivo. Segundo dados do Banco Central, até recentemente, o Brasil tinha um total de 167 bancos e instituições financeira atuantes. Nos Estados Unidos, país com uma população aproximadamente 2 vezes maior que a nossa, há um total de 23.000 bancos e instituições financeiras. A França, com uma população 3 vezes menor que a brasileira, tem 547 instituições bancárias atuantes.

Se o diagnóstico é a falta de competição, assim, a solução, ao invés de aumentar a repressão financeira, seria diminuí-la, através da queda das barreiras à entrada e dos custos operacionais, entre eles os impostos e a reserva compulsória, que no Brasil é de 45%, enquanto que nos Estados Unidos é de 3%. Não que os bancos não devam ser regulados. Qualquer liberal sabe que os bancos não podem transformar imediatamente os empréstimos em dinheiro e os mesmos, por usarem recursos de terceiros, têm um incentivo a investir mais em ativos de risco do que seus acionistas desejariam. Assim, é preciso seguir os acordos da Basileia para regular os bancos, limitando os riscos. Contudo, isso é bem diferente da repressão financeira, que só faz diminuir a competição no setor e aumentar os lucros dos bancos em operação. Dada a popularidade dos banqueiros, é muito fácil apedrejar os lucros do setor, porém cuidado com as receitas que não analisam os custos e benefícios das políticas. Os resultados podem ser bem diferentes das intenções.